

Abordagens à Língua, Literatura e Cultura hispânicas no contexto latinoamericano

Francisco Gilmei Fleck²

Resumo: O processo de ensino/aprendizagem da língua, literatura e cultura hispânicas no contexto brasileiro deve considerar o processo histórico/cultural dessas áreas no universo maior da realidade latinoamericana no que concerne ao passado histórico de conquista e colonização desse território americano pelas civilizações ibéricas. Assim, a dimensão comunicativa, buscada ao longo do processo de ensino da língua espanhola, deve aliar-se à dimensão intercultural, proporcionada pelo estudo da literatura e da cultura hispânica, para que o contato do aprendiz brasileiro com o mundo hispânico ocorra de forma contextualizada e crítica.

Palavras-chave: Língua espanhola, literaturas hispânicas, cultura hispânica.

Resumen: El proceso de enseñanza/aprendizaje de lengua, literatura y cultura hispánicas en el contexto brasileño debe considerar el proceso histórico/cultural de esas áreas en el universo mayor de la realidad latinoamericana en lo que concierne al pasado histórico de la conquista y colonización de este territorio por las civilizaciones ibéricas. De ese modo,

¹ Professor Adjunto da UNIOESTE- Cascavel nas áreas de Literatura e Cultura Hispânicas. Doutor em Letras pela UNESP/Assis. Vice-Líder do grupo de pesquisa: “Confluências da Ficção, História e Memória na Literatura”. Coordenador do PELCA – Programa de Ensino de Literatura e Cultura.

la dimensión comunicativa, buscada a lo largo del proceso de enseñanza de la lengua española, debe aliarse a la dimensión intercultural, proporcionada por el estudio de la literatura y de la cultura hispánica, para que el contacto del aprendiz brasileño con el mundo hispánico ocurra de una forma contextualizada y crítica.

Palabras-clave: Lengua española, literaturas hispánicas, cultura hispánica

Pensar nas possibilidades de pesquisa que o universo hispanoamericano oferece na contemporaneidade é dispor-se a imaginar uma infinidade de ações e ramificações que requerem, de imediato, uma sistematização que possibilite uma abordagem mais precisa aos muitos campos disponíveis. Entre estes podemos citar, apenas para exemplificar a vastidão da seara, os estudos culturais voltados ao multiculturalismo presente nas nações latinoamericanas; os estudos linguísticos que ainda hoje procuram sistematizar as especificidades das línguas neolatinas na América; e o vasto universo da produção literária que, de uma submissão aos cânones europeus aqui impostos no passado, revela-se, no presente, como uma das áreas mais expressivas de nossas artes, já libertas das amarras que outrora lhes impunham formas e valores.

Cultura, língua e literatura hispânicas formam uma tríade que, na prática educacional, compõem um conjunto que reúne elementos intrinsecamente co-relacionados que formam a essência de um programa de ensino voltado à aprendizagem do espanhol como língua estrangeira por aprendizes brasileiros. Assim, a dimensão comunicativa, buscada ao longo do processo de ensino da língua espanhola, deve aliar-se à dimensão intercultural, proporcionada pelo estudo da literatura e da cultura hispânica, para que o contato do aprendiz brasileiro com o mundo hispânico ocorra de forma contextualizada e crítica.

Nesse contexto, devemos, pois, atentar para as reflexões de Arturo Uslar Pietri (1985) quando menciona que a grande época criadora da mestiçagem na Europa

[...] *ha terminado desde hace mucho tiempo. Los mitos de su superioridad racial, del pasado histórico, de la pureza de la herencia nacional actuaron como frenos y diques empobrecedores [...]. En cambio, la América Hispánica es tal vez la única gran zona abierta en el mundo actual al proceso de mestizaje cultural creador.* (USLAR PIETRI, p. 346-347).

Uma mensagem que se irmana com as menções de Silviano Santiago (2000, p. 16) de que a América latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental “graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo”. Num contexto peculiar como este, o processo de ensino da língua espanhola aos aprendizes brasileiros, portanto, deve ser abordada em suas múltiplas variações; a Literatura de língua espanhola deve, pois, contemplar também os aspectos, inovadores e desconstrucionistas a ela incorporados pelos expoentes hispanoamericanos, e a inclusão de Tópicos de Cultura no processo de aprendizagem do idioma é fator essencial.

Ao proceder dessa forma, pesquisa e prática educacional, conjuntamente, terão, pelas ações críticas de pesquisadores e professores, condições de revelar a realidade sócio/histórica e econômica na qual tal processo de aprendizagem está inserido. Assim, conforme comenta Mario Vargas Llosa (2005, p. 9-11), o paradoxo da extrema contradição que impera no contexto latinoamericano entre a realidade social e política e sua produção cultural poderá ser abordado. Imagens de um continente dividido entre realidades nas quais as imensas diferenças de renda entre pobres e ricos; a marginalização de grupos étnicos minoritários, o desemprego que gera a violência, e a corrupção que corrói as instituições governamentais pode ser levado à discussão no processo educacional, a fim de conscientizar a população sobre os mecanismos que geram o subdesenvolvimento de tantos países nesse continente. A referência para tal é, sem dúvida, Carlos Fuentes (1992), que no seu livro *El espejo enterrado* analisa esta situação e comenta:

La crisis que nos empobreció también puso en nuestras manos la riqueza de la cultura, y nos obligó a darnos cuenta de que no existe un solo latinoamericano, desde el río Bravo hasta el Cabo de Hornos, que no sea heredero legítimo de todos y cada uno de los aspectos de nuestra tradición cultura (FUENTES, 1992, p. 11).

Essa condição de subdesenvolvimento no qual grande parte dos países latino-americanos ainda se encontra – enquanto outros lutam bravamente para dela sair – é também uma realidade na qual se exhibe uma produção literária e cultural de grande originalidade. Esse espaço é, pois, o ambiente na qual uma literatura inovadora surgiu, aproveitando-se, também, das especificidades que as línguas neolatinas adquiriram em terras americanas, para romper com os padrões europeus anteriormente impostos aos escritores desse contexto. Conforme expõe Santiago (2000, p. 16) é entre as dualidades d (o sacrifício e o jogo; a prisão e a transgressão; a submissão ao código e a agressão; a obediência e a rebelião; a assimilação e a expressão) – “ali, neste lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana”. Esse processo inovador passou, ao longo dos anos, pela relação entre a cultura oral dos povos autóctones americanos e a cultura letrada imposta pelos conquistadores europeus. O processo de domínio da parcela europeia sobre as outras se dá principalmente pela imposição da língua (cultura escrita) dos colonizadores sobre as mais variadas línguas nativas (culturas orais) e pela submissão dos nativos à religião católica.

Os nativos, habituados a aceitar apenas a representação dos acontecimentos narrados oralmente, viram-se diante da astúcia dos catequizadores que, ante o impasse da aceitação das “verdades” bíblicas, lançam mãos de técnicas como as representações teatrais para converter os índios. Conforme registra Santiago (2000, p. 15), instituir o nome de Deus na América equivale a impor o código linguístico (língua espanhola e portuguesa) no qual seu nome circula

em evidente transparência “[...] de agora em diante na nova terra descoberta o código lingüístico e o código religioso se encontram intimamente ligados”. Resultado disso é que “[...] os índios perdem sua língua e seu sistema do sagrado e recebem em troca o substituto europeu”. (SANTIAGO, 2000, p. 16). O professor de língua espanhola que se nega a abordar tal realidade ao ensinar o idioma como língua estrangeira, especialmente no Brasil, nega também a seu aprendiz a possibilidade de formar uma consciência crítica sobre o instrumento valioso que é o aprendizado de uma língua estrangeira quando este é impregnado de discurso crítico.

Destituída, oficialmente, de língua e crenças, a base da cultura oral nativa é gradativamente relegada à margem. Tal processo, aliado a outros fenômenos econômicos, políticos e culturais transplantados a estas terras ao longo dos séculos pela parcela européia da população, reflete-se em praticamente todos os setores das novas terras. Resultado deste processo é, pois, a perda da identidade e, conseqüentemente, a busca da imitação de formas alheias. Sabemos que esta condição imperou nas artes latinoamericanas por muito tempo, contudo também sabemos que, na contemporaneidade, mostras visíveis do desprendimento desses modelos encontram presentes nas manifestações culturais dos diferentes países do continente que, sem negar a influência sofrida ao longo dos séculos, buscam incorporar essas imposições às mais variadas formas de arte inovadora que começam a circular nessa realidade de tantos e tão profundos contrastes. Uma lição interessante nos vem, nesse sentido de submissão e transgressão, do Paraguai na obra literária de Augusto Roa Bastos (1992) que, em seu romance *Vigilia del Almirante*, aponta:

Tal es la naturaleza del robo originario que se perpetúa sin fin y hace de todo aquel que se quiere ‘creador’ un mero repetidor inaugurante. Salvo que este imponga el orden de su espíritu a la materia informe de las repeticiones, imparta a la voz extraña su propia entonación y la impregne con la sustancia de su sangre, rescatando lo propio en lo ajeno. (ROA BASTOS, 1992, p. 123)

Deste modo, tanto no campo da crítica, quanto no da própria literatura, os latinoamericanos estão buscando alternativas que lhes possibilitem uma integração do passado, da angústia da influência, por meio de diferentes estratégias que, por um lado, não neguem o passado de submissão às estrelas, mas por outro, lhes permita espaços de realização de sua própria arte. Uma arte concebida sob novos olhares capazes de ver em sua constituição mestiça o ingrediente cultural que, no passado, lhes foi imputado como aberração, como fonte de produção de distúrbios, mas que agora se revigora como fonte original e essencial para a produção cultural.

No campo da cultura latinoamericana, de acordo com Mario Vargas Llosa (2005, p. 9), só se pode falar em subdesenvolvimento quando a referência for à sua vertente sociológica, já que o escasso nível de leitura da população e a restrição das atividades artísticas aos grandes centros urbanos são sérios impedimentos à instalação de uma nova realidade no continente, mas isso não significa, em relação à produção cultural, que seus escritores – mundialmente conhecidos e apreciados –; seus cineastas – que cada vez mais encantam com suas produções originais –; seus pintores e músicos – que fazem o mundo sonhar e dançar –, possam ser chamados de subdesenvolvidos. Como explicar esses paradoxos? Uma das possibilidades é consideramos o fato de que os grandes contrastes existentes nas diferentes realidades do continente americano não reúnem apenas todas as etnias, línguas, geografias, religiões, hábitos e costumes, mas também um conglomerado de épocas históricas que estão em constante conflito. Tal realidade singular possibilitou, por exemplo, que uma elite se modernizasse, ao abrir-se para as transformações ocorridas nos grandes centros irradiadores de cultura e com eles convivendo – aqueles que se tornariam também os grandes produtores de cultura no continente –; enquanto outro grupo, interessado na manipulação do poder político, pudesse se manter aferrado a um passado no qual sempre prevaleceu o

autoritarismo, a imposição, a subjugação e exploração de classes trabalhadoras – estes são aqueles que praticaram o despotismo, a ditadura e o saqueio das riquezas americanas – condicionando a vida econômica de suas nações às velhas práticas do feudalismo, do mercantilismo e do extrativismo.

Tal dicotomia produziu frutos ao longo dos séculos: por um lado, os pequenos redutos culturais começaram a produzir, embora estivessem condicionados ao poder que desdenhava a cultura, grandes escritores, músicos, pintores, escultores, ou seja, artistas com um alto nível de produção, enquanto a grande maioria da população permanecia na inércia, vivendo o anacronismo de épocas passadas e a elas foram condicionadas em suas formas de pensar e existir. Nesse contexto, porém, houve momentos em que a minoria conseguiu fazer-se ouvir, como foi o caso, entre poucos outros, no Modernismo, no século XIX e, mais recentemente, já no século XX, o ‘boom’ da literatura latino-americana. Esses movimentos levaram a arte aqui produzida a outros patamares de valorização e, conseqüentemente a novas concepções.

Uma das possíveis saídas para a crise cultural dos latino-americanos é, pois, a valorização dos elementos de mestiçagem. Esses elementos estão na base da formação de nossos povos e possibilitam a contaminação da cultura hegemônica pela mistura desta com os elementos autóctones, alternando, assim, a noção de unidade e pureza zelosamente mantida pelas correntes culturais cêntricas como fundamentos do cânone e diretrizes dos modelos a serem seguidos. A arte latinoamericana, no momento em que se atreve a tocar no cerne destes dois conceitos secularmente impostos às culturas periféricas, com o intuito de alterá-los, por mínimas que sejam as mudanças almejadas, já principia um processo de libertação que conduz à autenticidade e abre caminho para uma possível descolonização. Este processo se fundamenta, sobretudo, na hibridização - termo que agrega os conceitos de mestiçagem e

sincretismo que, em outros tempos, já eram elementos estranhos às estrelas. Unem-se, assim, características típicas e peculiares das nações latinoamericanas antes consideradas alienígenas nas artes submetidas aos preceitos estrangeiros, para revelar o lado autêntico desta arte nova. Este aspecto de hibridização presente em nossas culturas latinoamericanas promove, conforme defende Zilá Bernd (1998), os movimentos imaginários de desterritorialização de processos simbólicos, já que se dá a conversão e reciclagem de aportes culturais de movimentos anteriores, os quais são adaptados à nova realidade e integrados na sociedade cultural.

Referências

- BERND, Z. (Org.). *Escrituras híbridas: estudos em literatura comparada*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1998.
- FUENTES, C. *El espejo enterrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- ROABASTOS, Augusto. *Vigilia del Almirante*. Asunción: RPL Editores, 1992.
- SANTIAGO, S. *Uma literatura nos trópicos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- USLAR PIETRI, Arturo. *El mestizaje y el nuevo mundo*. In: *Cuarenta ensayos*. Caracas: Monte Avila Editores, 1985.
- VARGAS LLOSA, M. *Dicionário amoroso da América Latina*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.